

AO: Artigo de Opinião

CI-CPRI



O 11 de Setembro contribuiu para mudanças geopolíticas mundiais?

O 11 de Setembro de 2001 foi um acontecimento geopolítico relevante. Por um lado, envolveu ataques terroristas à larga escala, do tipo indiscriminado (porque não existia um alvo definido, apenas a população de um determinado local) e transnacional, o que criou dificuldades a uma resposta clausewitziana por parte do Estado “agredido”. Pelo que as guerras “regulares e convencionais” no Afeganistão e no Iraque foram difíceis de defender perante a opinião pública (em especial fora dos EUA), não tinha sido um “país” ou um “povo” a declarar guerra, mas um poder errático.

A própria Al-Qaeda cresceu depois em credibilidade e pujança internacional em função da sua eficácia, da capacidade de “meter medo” a *Democracias Abertas e Liberais* e de obter resultados em função de objetivos, porque outros atentados reivindicados pela Al-Qaeda se seguiram, dos quais se destacam o 11 de Março de 2004 em Madrid (Espanha), o 7 de Julho de 2005 em Londres (Grã-Bretanha) e o 26 de Novembro de 2008 em Mumbai (Índia).

Por outro lado, os atentados de 2001 foram perpetrados nos centros económico (Nova Iorque) e político (Washington DC) dos EUA, país que se afirmava como superpotência num mundo unipolar desde o fim da Guerra Fria (1989/91) e que se considerava a salvo.

Os EUA responderam com “Hardpower” (consistentes com a sua linha de “orientação tradicional”, até para gáudio da multimilionária indústria de armamento americana) mas não venceram rapidamente os conflitos. A insatisfação contra o modelo seguido, determinou a ascensão de Obama e perdeu-se o controlo às despesas militares. Consequência, elevado défice orçamental (houve razões internas que também contribuíram para tal) e vulnerabilidade do sistema financeiro, com impacto internacional.

Com o actual crescimento económico acelerado das economias emergentes, o G20 a ganhar relevo sobre o G8, a relevância das reuniões dos BRIC (actualmente BRICA) no xadrez internacional e, sobretudo, o “softpower” altamente sofisticado e eficaz da China, testemunham a favor de uma mudança na balança de poderes. No meio

académico dos EUA há quem pense que caminhamos para um novo mundo bipolar (EUA e China). Na Europa a voz mais corrente é de um mundo multipolar que começa a ser uma realidade evidente.

Seja como for, não foram os atentados de 11 de Setembro em si que marcaram a diferença, foi a reacção internacional aos acontecimentos que determinou o rumo do séc. XXI.

Reviver o acontecimento regularmente perpetua o estado de “vitimização” e fragiliza a “reacção” contra o fundamentalismo. Conflitos que se eternizam, criam mais revolta entre os descontentes e insegurança entre os que se sentem alvo de ataque. A comunidade internacional precisa verdadeiramente colaborar em nome da paz, porque esta nem sempre é a prioridade. Ou seja, se a forma de agir de certos “poderes” tivesse sido diferente, poderíamos hoje viver uma realidade menos incerta. Mas da História não rezam os “ses”.

Após o 11 de Setembro, passou a existir um maior respeito mútuo entre religiões?

Desde o Fim da Guerra Fria, as sociedades Ocidentais têm defendido modelos de governação democráticos em que se parte do suposto que quando há insatisfação social, então, foi o Estado que falhou ao não salvaguardar os direitos dos seus cidadãos.

Portanto, se há clivagens religiosas (se houve um atentado nos EUA perpetrado por um grupo fundamentalista religioso) a tendência é tentar perceber “porque reagiram assim”. Cresce a curiosidade natural pelo “outro”, aumenta a comunicação entre as partes. O objectivo é “evitar o conflito”. Não implica necessariamente que haja “maior respeito mútuo entre religiões”. Há sempre grupos sociais que resistem à diferença, à mudança ou simplesmente à perda de poder que a partilha de espaço... talvez implique.

Quando surgem problemas, a questão é menos “religiosa”, é mais de atribuir as “culpas a alguém” quando algo “corre mal”. Por vezes há rancor popular por detrás do discurso institucional politicamente correcto, porque as pessoas vivem problemas no seu quotidiano. Há cidadãos a radicalizar as suas posições – seja quais forem as suas preferências (direita, esquerda, religião, ...).

No caso daqueles que votam em partidos de Direita, declaradamente racistas e xenófobos que advogam contra a emigração e religiões minoritárias, então, o atentado do norueguês Anders Breivik pode ser o primeiro de mais. Mas assusta inclusivamente a transnacionalidade da “vontade terrorista”. Breivik imaginava um ataque em diferentes países, com alvos estratégicos bem definidos.

No mundo da globalização há de tudo e as certezas são poucas. A maioria da população ainda tem como objectivo principal coexistir em harmonia. Os líderes mundiais em regra apelam à calma e ao maior respeito entre religiões e entre povos, a economia ainda domina as suas agendas. Apesar do que já aconteceu, podia ser pior.

Choque de civilizações ou choque de religiões?

O Fim da Guerra Fria foi o despertar de um mundo de possibilidades, a queda de muros e abertura de fronteiras. Aumentaram os fluxos migratórios para mercados com mais emprego e melhores condições de vida, as sociedades vibraram em expectativas, tornaram-se mais multiculturais, houve um esforço a favor “da tolerância” para com os “outros”. Reinava a Globalização, a democratização do conhecimento através da Internet, a liberdade e o espírito de cooperação, o diálogo nos fóruns internacionais (criação de novos blocos regionais ou a sua maior integração, importância da Assembleia Geral da ONU, ...)

O 11 de Setembro de 2001 revelou vagas de insatisfação que não se resumem a clivagens no diálogo religioso. Na História houve períodos similares, em que “deixou de haver capacidade de absorção”, substituída pela necessidade de “controlo da situação”. As desculpas utilizadas são várias e centram-se nas diferenças (religião, cor de pele, tradições e costumes, língua, ...), mas os motivos intrínsecos são mais fundados em questões económicas (grupos que perdem poder de compra, perda de expectativas) e de lutas de poder (nacional ou internacional).

O papel do Conselho de Segurança da ONU voltou a ser predominante. Até nas revoltas Árabes, supostamente libertadoras “de opressões e regimes ditatoriais” internas, estão a ser manipuladas por interesses geopolíticos ao mais alto nível (lideradas por potências com necessidade de recursos naturais para alimentar a sua industrialização e modelo de governação).

Não é tanto um choque de civilizações ou de religiões, mais um choque de poderes.

A guerra contra o terrorismo dura há dez anos, consumiu biliões de dólares, milhares de vítimas e ainda não está ganha.

O terrorismo é apenas uma das batalhas que não estamos a vencer. O mundo caminha infelizmente para uma situação em que as potências habituadas a liderar estão a ter mais dificuldades em recuperar posições que outras mais assertivas e pujantes como a China. A balança de poderes está a mudar.

Os EUA saberão encontrar uma solução mais rapidamente. Mas a Zona EURO e a União Europeia são neste momento uma “incógnita” e a sua evolução futura poderá ser mais importante do que se julga, em especial se permitir a afirmação de um Directório (França, pilar estratégico-militar e Alemanha, pilar económico), ou abrir as portas à liderança alemã sob a batuta de um chanceler menos “moderado” do que Angela Merkel.

A decisão americana de lançar, sem esperas, uma guerra contra o terrorismo acarretou consequências ainda mais nefastas que os atentados em si?

Os EUA foram lobos, quando deviam ter sido raposas. Agora vivemos as consequências do seu tipo de liderança.

Não basta declarar guerra e gerir um conflito militar baseado na mais alta tecnologia. Os EUA consideraram que seriam vencedores onde a URSS não tinha sido. Houve alguma imprudência nas decisões mais bélicas, nos argumentos usados para convencer a opinião pública e nas alianças precipitadas, depois mal geridas.

As populações do Afeganistão e do Iraque demonstraram que as “velhas estratégias” de resistência ao longo do tempo continuam proficuas em resultados. O número de mortos, de feridos e desalojados no Médio Oriente, fruto dos ataques e das intervenções militares, aumentou ressentimentos.

Algumas medidas americanas “bem intencionadas”, acabaram por não ter o efeito desejado, soaram a “tolerância paternalista”, o que irritou mais os ressentidos que já odiavam o que consideravam ser a “governança unilateralista e imperialista” de um país que se “achava melhor do que os outros”. Quando a relação de forças perde toda a racionalidade, é difícil para os países e para os povos não perderem o controlo à situação.

Por exemplo: a intervenção no Afeganistão visava retirar do poder os talibãs. Agora, para poderem sair do país, os EUA estão a negociar com os talibãs, porque não há outro remédio, eles controlam o Afeganistão e, pelo menos, a parte Norte do Paquistão. Então, para que serviu a intervenção militar?

Equilibrar a *liberdade* com a *segurança* em Democracia, é talvez o maior calcanhar de Aquiles do Ocidente?

Isso é uma falácia. Um Estado de Direito baseia-se no respeito pela Lei que a todos compete cumprir. Numa Ditadura a liberdade do cidadão é mínima, numa Democracia que seja um Estado de Direito, a liberdade é máxima, mas não é total, pois é limitada pela liberdade do “outro”. A Justiça é o pilar mais importante deste sistema, a qual se não funciona o mina por dentro.

Uma Democracia Estado de Direito é o melhor modelo até prova em contrário. Mas apenas sobrevive entre cidadãos conscientes/maduros, instruídos e responsáveis, pelo que conhecedores dos seus direitos e responsabilidades. Quem infringe deve ser penalizado exemplarmente, ou seja, de forma a não voltar a praticar o crime, caso contrário não pode voltar a ser inserido na sociedade. Tal como na Grécia Antiga o maior castigo era o exílio (pior que a morte), deve transmitir-se a ideia que para se ter direito a viver naquela comunidade tem de se ter a responsabilidade de cuidar dela. Ou seja, devemos ser todos cidadãos da “polis” e exercer os nossos deveres cívicos para merecer os direitos inerentes a uma boa cidadania. Reciprocidade: dar e receber.

A morte de Osama Bin Laden é um capítulo final para o que começou em 2001?

A morte de Osama Bin Laden foi pouco mais do que uma operação de cosmética para “americano ver”, num período de campanha eleitoral para a Presidência dos EUA. Foi uma “cartada de Obama”. É mais um “objectivo cumprido”, uma marca psicológica, um capítulo menor numa história maior. Não representa o término da Al-Qaeda, nem do terrorismo transnacional.

O próprio terrorismo não é um fim, mas um meio para atingir um fim. Qual era o objectivo dos membros da rede terrorista? Pois, esse ainda não está consumado. Portanto, o perigo subsiste, sobretudo nos EUA, na UE e em Israel. Que se mantenha o alerta nos Metros, Portos e Aeroportos, e em todos os lugares onde menos se esperar.

Passaram dez anos desde o ataque terrorista de 11 Setembro de 2001. Não nos sentimos mais seguros, pelo contrário. A morte de Osama Bin Laden não ajudou a aliviar a sensação de incerteza em comunidade.